

Prédios de um Pilar Só

Série Visão Ministerial – Estudo 1

Meditando em vários casos envolvendo lideranças de vários escalões dentro e fora da igreja tomei para mim uma lição que tenho me esforçado para aplicar em meu ministério à medida em que confirmo sua realidade e o quanto conhecê-la o tem solidificado. Agora, com a disponibilidade do espaço na Web senti permissão de Deus em possibilitar que esse aprendizado beneficiasse outros líderes publicando-as no jornal O Conselheiro, de nossa igreja, e na Internet.

Ao longo do tempo pude observar o modo como pastores, missionários, evangelistas e líderes dentro das igrejas, bem como empresários, gerentes, encarregados e líderes fora dela tem alcançado sucesso ou fracasso em suas gestões em diferentes ocasiões e circunstâncias.

Verifiquei como alguns recebem e absorvem projetos e planos dos seus antecessores e como outros simplesmente os ignoram, anulam ou os plagiam com outros nomes.

Nessas observações descobri que havia uma característica comum que só se diferenciava quanto ao ponto ou etapa em que cada personagem a cada caso estava vivendo: Verifiquei que apesar de alguns desses líderes estarem trabalhando com dedicação e honestidade, contudo todos estavam construindo “*prédios de um pilar só*”, pois o que faziam dependia exclusivamente de suas qualidades pessoais, tanto para se firmar quanto para se manter.

Como num prédio de uma única pilastra, da qual dependeria unicamente para se sustentar, os projetos desses líderes se mantêm em pé e prosperando enquanto eles também se mantêm ativos e perseverantes no comando (no mundo secular é consenso, por exemplo, que o império Matarazzo, entre outros casos semelhantes, nunca mais foi o mesmo depois da morte do barão).

No mundo cristão são muitos os exemplos de prédios desmoronados ou em ruínas, ou seja, ministérios e igrejas que foram ao chão depois que seus dirigentes caíram em algum escândalo, adoeceram ou morreram.

A lição do passado até hoje traz nossa atenção para o fato de que muitos ainda não descobriram essa realidade. Ainda hoje muitos líderes se entronizam “no cume dos montes” e de lá despacham suas ordens a seus “fiéis súditos”, não percebendo o que os aguarda no futuro.

Na igreja o caso se apresenta com pastores que se deixam engrandecer ao ponto da idolatria, os quais sempre ensinam o povo a ouvi-los, apoiá-los e admirá-los mas muito pouco ou nunca a falar ou agir por si mesmos. Essa postura, que pode até se fundamentar em princípios de zelo e preservação, ao longo do tempo acaba se mostrando ineficiente e ingrata para os próprios líderes, especialmente os cristãos, pois tendo ensinado seus irmãos apenas a ouvir, um líder oprimido ou abatido por alguma enfermidade sua ou de alguém que ame, ou pela fadiga do excesso de trabalho, não terá um conselheiro que esteja ou se considere estar à altura de aconselhá-lo (como pôde fazer Jetro, o sogro de Moisés – Êxodo 18).

São muitos os casos em que líderes de todos os níveis dentro das igrejas morrem esquecidos e sozinhos em seu posto de comando, ou quando não, alienados, excluídos ou exilados espiritualmente. Em outros casos, em que são obrigados a renunciar ou passar seu posto, sofrem muito ao ver a obra governada por pessoas que não possuem a mesma visão original.

No mundo cristão esses casos são tão graves que hoje em dia se tem seitas de abrangência mundial originadas de movimentos cristãos a princípio tementes e de boas intenções.

Mas o que leva um líder a uma situação tão dissaborosa? A razão comum a todos os casos é o desgaste e a fadiga. Não importa se o contexto de cada um se baseie em casos de isolamento, ou de falta de exemplo, ou de recursos ou falta de reconhecimento, sempre chegará o dia de se “passar o cajado”.

Por causa desse desgaste e fadiga é que muitos se transformam em líderes ditadores e autoritários, outros em homens desesperados que às vezes renunciam família e até cuidados pessoais usando todos os seus recursos, como que num gesto de último ato, na ansiedade de ver se conseguem salvar seu ministério.

Ainda há os casos menos dramáticos em que os “*prédios de um pilar só*” são representados por líderes bem sucedidos material e espiritualmente. Esses casos são os mais difíceis no que se refere à consciência dessas lideranças ao que estamos denunciando aqui. Convencidos de que “Deus está abençoando!” se encontram entusiasmados com os resultados sem tomarem o cuidado de precaverem a si e a obra de Deus para o amanhã.

Existem duas fórmulas que tenho reconhecido serem muito importantes para os líderes que desejem se prevenir ou se libertar desses problemas. Ambas exigem certo grau de discipulado. A primeira consiste em o líder começar a compartilhar seu pastoreio com aqueles que ocupam o 2° e o 3° lugar na escala do respeito e da reverência da igreja. Deve trabalhar para que suas idéias possam ser comentadas e assessoradas por eles para que suas decisões não venham a ser excessiva ou desnecessariamente criticadas. Deve incluir nesse trabalho diversos tipos de investimento neles para que suas idéias se tornem mais consoantes com a liderança principal, tais como informação sobre a igreja, capacitação ao ensino e

pastoreio, acesso às opiniões, à estima e à visão da presidência, além da consciência de seus direitos e deveres como ministros.

A segunda diz respeito àquele líder que governa solitariamente. Ele deverá descer “do monte” até ao rebanho e lá buscar pelo menos um indivíduo (melhor se puder encontrar dois ou três) com traços de retidão, amor pelos demais e boa resistência às lutas para poder educá-lo e formá-lo no comando ou na co-liderança, com os mesmos cuidados do caso anterior.

Cada comandante que um líder conseguir estabelecer será mais uma coluna sob os vigamentos de seu ministério. Entretanto ele deve tomar cuidado com aqueles que usam uma aparência de apoio para mascarar sua ambição de ocupar a primeira posição. Na Casa do Senhor ninguém deve assumir ou desocupar um posto de comando por causa de credenciais ou divisas. Qualquer um que se mover de seu lugar sem ordem de Deus (o general) com certeza terá problemas em sua empreitada.

Uma visão que recebi de Deus certa ocasião me ensinou que todo aquele que sob ordem do Senhor assume qualquer responsabilidade terá como cobrar-Lhe o amparo no tempo da luta, mas àquele que agiu por ambição, vaidade, cobiça ou “*por que não havia outro!*” só resta a humilhação e a agonia de ver a reprovação do Senhor acrescentada ao fardo da tribulação.

Essa pode ser inclusive a razão da existência de alguns “*prédios de um pilar só*”. Para estes o conserto requererá que antes da aplicação de qualquer uma das estratégias recomendadas, se apliquem à reflexão e à conseqüente humilhação e reconciliação com Deus, a quem desobedeceram ou afrontaram com sua arrogância. Em alguns casos desse tipo inclusive, pode ser que o conserto também requeira a renúncia do posto, dada a possibilidade de o mesmo ter sido ocupado por alguém que não possua o que intitulamos de “o chamado de Deus” o que implica na ausência de um mínimo de visão ou vocação para o relacionamento de/em grupo.

O que estou tentando passar pode estar soando dramático demais para alguns, mas é com conhecimento de causa que afirmo com ansiedade – o dano causado aos discípulos de um líder cuja pilastra tenha ruído vai desde a simples dispersão até à morte espiritual.

Assim como um prédio de única pilastra é sensível aos menores erros de projeto, do mesmo modo as menores falhas num ministério “mono-comandado” podem gerar as mais terríveis crises.

O próprio Senhor Jesus deixou algumas lições que servem perfeitamente para embasar nossa analogia. Em Lc 14:28-30 Ele deixou o alerta quanto ao erro de cálculo numa obra e em Mt 7:24-27 deixou o famoso ensino dos dois fundamentos.

A razão de ter escrito este texto se firma na dura realidade que muitas igrejas enfrentam – algumas com sua direção falida e agonizante e outras dominadas por pessoas rancorosas, ditadoras e vingativas.

Até aqui me reservei a aconselhar os líderes, mas dada a situação de alguns, impedidos até de aceitar estas letras, volto-me à congregação, cuja força, baseada na aliança do sangue de Cristo, é de ordem espiritual – mais forte portanto.

Quando um grupo temente de irmãos percebe que sua liderança está doente, estes devem se unir em oração e jejum e depois, revestidos da graça de Deus, buscar oferecer-lhe ajuda, conscientizando seu líder quanto a situação. Se ao longo do tempo, após várias tentativas não obtiverem sucesso devem pedir ajuda às autoridades superiores da igreja, quando houver.

Devem tomar cuidado entretanto para não se verem estimulados por alguém que cobice o poder (como ocorreu com os seguidores de Absalão, filho do rei Davi), agindo de forma política sob pretextos aparentemente espirituais.

Como num retoque final, desejo registrar aqui que uma irmandade se configura pela interação e integração de um grupo de pessoas e seus líderes, ou seja, trabalham compartilhando e se completando com seus talentos – naquilo que um não souber fazer um outro suprirá a necessidade. Não há lugar para a cobiça e nem para sentimentos como inveja, orgulho, vaidade ou ambição carnal pois todos os talentos espirituais são concessões do Senhor, o qual tem poder para dá-los e poder para tirá-los. Todos hajam com cautela portanto, porque o mau desempenho de um cristão trará como prejuízo menor a má fama sobre si mesmo, deixando o maior dano para a Palavra de Deus, a Igreja de Deus e o Nome de Deus, com quem haverá de prestar contas (Hb 4:13).

Sabendo de todas estas coisas, que hajam esforços conjuntos em todas as comunidades, igrejas ou irmandades do Senhor, se esforçando para que seus prédios possuam muitos e fortes pilares – se ocorrer de um se trincar, rachar ou até cair, apesar de algum dano, a construção continuará bem amparada.

A graça do Senhor Jesus Cristo seja multiplicada entre os seus servos.

Pr. Carlos V. Ricas.-

